

## PALAVRA PROSÓDICA E COMPOSIÇÃO NO PORTUGUÊS EUROPEU\*

MARINA VIGÁRIO  
(Universidade do Minho)

### 0. Introdução

Até onde sabemos, a palavra prosódica não tem recebido uma atenção particular por parte dos fonólogos que trabalham sobre o Português Europeu (PE).<sup>1</sup> Pelo contrário, este é por ventura o único domínio da hierarquia prosódica que não foi objecto de investigação sistemática, antes de Vigário (1998b) e (1999a).<sup>2</sup>

Não tem havido igualmente preocupação no estudo do modo como são agrupadas prosodicamente formas compostas (num sentido lato) no PE, embora sejam recorrentes referências a aspectos fonológicos que caracterizam certas construções morfológicas. Exemplo paradigmático disto mesmo é a observação da existência de dois acentos de palavra em formas com os sufixos *-z-avaliativos* (na terminologia de Villalva 1994) e com *-mente* (e.g. Gonçalves Viana 1883, Morais Barbosa 1965, Mateus 1975, d'Andrade 1992a, e referências aí incluídas). Em termos gerais, a tónica tem sido colocada na semelhança entre este tipo de *derivados* e os compostos (e.g. Morais Barbosa 1965, d'Andrade 1992b) e, em geral, os compostos não são por sua vez diferenciados do ponto de vista fonológico de sequências de palavras não compostas.

O objectivo deste estudo é precisamente o de investigar o comportamento fonológico de *palavras* que apresentam mais de um acento principal, com vista à identificação da sua estruturação prosódica.

Do ponto de vista da análise morfológica, tanto a composição como a derivação envolvendo morfemas acentuados têm recebido uma maior atenção, em particular nos trabalhos de Villalva (1992) e (1994). É destes trabalhos que retiramos a base da análise morfossintáctica das estruturas que iremos tratar. No que nos diz respeito, iremos centrar a nossa observação especialmente em

estruturas de derivação com prefixos ou sufixos acentuados, de composição morfológica (que envolve a concatenação de radicais), e de composição sintáctica (que envolve a concatenação de palavras). Para além destas construções, observaremos ainda siglas e a construção mesoclítica.<sup>3</sup>

Como ficou dito, em trabalhos anteriores temos vindo a investigar as propriedades fonológicas da palavra prosódica. Na primeira secção deste artigo apresentamos algumas das propriedades até aqui identificadas. São elas que servirão de diagnóstico acerca da prosodização das construções em observação, proposta na secção seguinte. A conclusão a que chegaremos é a de que, na generalidade, as construções observadas se comportam fonologicamente como palavras prosódicas que se agrupam como uma palavra prosódica *composta*, numa estrutura recursiva. Ao longo da investigação apresentada torna-se ainda claro que nem sempre existe isomorfismo entre composição morfológica ou sintáctica e composição fonológica, o que é uma instância de uma propriedade mais geral caracterizadora da relação entre a estrutura prosódica e as estruturas morfológica e sintáctica (e.g. Nespor e Vogel 1986).

### 1. Para uma caracterização da palavra prosódica no PE

Para podermos determinar o estatuto fonológico dos compostos, importa, antes de mais, estabelecer os diagnósticos da palavra prosódica ('prosodic word' - PW/ $\omega$ ) no PE. Em trabalhos anteriores temos vindo a coligir vários tipos de evidência para este constituinte no Português, que listamos em seguida. Antes, porém, convém referir que assumimos a análise defendida em Vigário (1999a) de que os pronomes enclíticos se incorporam à PW que domina o hospedeiro verbal, e que os prefixos e os proclíticos se adjungem à PW que domina a base/hospedeiro a que se ligam.

Como noutras línguas, o acento de palavra constitui um diagnóstico de PW no PE, dado que existe nesta língua uma correspondência biunívoca entre a palavra prosódica e o acento.<sup>4</sup>

Do acento decorre também a impossibilidade de PWs monossilábicas reduzirem, ou de sofrerem regras próprias do vocalismo átono, como a redução vocálica e a semivocalização, ao contrário do que sucede com palavras funcionais clíticas (cf. 1).

(1) a. <u>so</u> m agudo	([sõ]/*[sw])	vs.	<u>co</u> m agulhas	([kõ]/[kw])
b. <u>dê</u>	([de])	vs.	<u>de</u>	([d ])
c. um <u>i</u> agudo	([i]/*[j])	vs.	<u>e</u> agulhas	([i]/[j])

É ainda da presença do acento de palavra que decorre a possibilidade de uma PW ser portadora de acento tonal, visto que os acentos tonais se associam a

sílabas acentuadas (cf., para o Português, Viana 1987, Frota 1998, Falé 1995, Vigário 1998a).

Também a proeminência secundária que pode ocorrer no início de palavra (cf. d'Andrade e Viana 1989 e d'Andrade e Laks 1992) é interpretável como incidindo sobre PW, constituindo por isso uma evidência para este domínio prosódico (ver exemplos em 2, atestados em fala gravada)<sup>5</sup>.

- (2) (Inf1) A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora  
 (Inf2) A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora  
 (Frota e Vigário 1999)

Do mesmo modo que a posição inicial pode receber uma proeminência secundária, ela pode receber um 'acento enfático' (cf. Vigário 1999a). Como mostrado em (3), onde a sílaba susceptível de receber acento enfático aparece a negrito, este acento apenas pode ocorrer em início de PW e não noutras posições da palavra.<sup>6</sup>

- (3) a. Foi uma **brutalidade** o que se passou em Timor  
           \*brutalidade/\*brutalidade/\*brutalidade  
 b. Era urgente o auxílio às **populações**/às **populações**  
           \*às populações/\*às populações

A palavra prosódica constitui também um domínio de restrições fonotácticas. No PE, encontram-se banidos da posição inicial de PW os segmentos [λ], [ɲ], [r] e [ə]. Na verdade, a possibilidade de [λ] iniciando o pronome **lhe** é uma das evidências de que esta palavra (morfológica) não é uma PW, ao mesmo tempo que demonstra que a natureza do domínio relevante para este tipo de restrições é prosódica e não morfológica.

A posição inicial e final de PW impõe ainda restrições à aplicação de processos de redução vocálica: por exemplo, como ilustrado em (4a), uma vogal não central átona em início de PW nunca reduz totalmente, ao contrário do que sucede em outras posições da palavra (cf., por exemplo, Mateus 1975); e uma vogal átona em sílaba fechada por [r] em posição final de PW não eleva, ao contrário do que sucede noutras posições da palavra, tal como exemplificado em (4b) (cf. Vigário 1999a);

- (4) a. elegante ([e]/\*[ə]); ordenar ([o]/\*[u]) vs. alegria ([ə]); adorar ([u])  
 b. âmbar ([a]/\*[ə]); líder ([ɛ]/[ə]) vs. pardal ([ɐ]); perder ([ə])

A palavra prosódica define também o contexto de aplicação de processos puramente fonológicos. Um desses processos é o da semivocalização de que

resultam os ditongos decrescentes (e.g. Mateus 1975:1.3.5.2). Na realidade, este processo apenas opera no interior deste domínio prosódico, como ilustrado em (5) (cf. Vigário 1999a).<sup>7</sup>

(5) a.	<u>ri</u> o	[iw]	b.	re <u>util</u> izar	??[iw]
	t <u>i</u> o	[iw]		vi <u>o</u> livro	??[iw]
	vi <u>o</u>	[iw]		vi <u>us</u> ar	??[iw]

Também o processo de elisão de vogal [-rec] faz referência à palavra prosódica, dado que opera no limite direito deste constituinte (análise proposta em Vigário 1998b, 1999a e adoptada em Mateus e d'Andrade 2000). Isto mesmo pode ser observado em (6).

(6) a.	v <u>i</u> deo	[j]/*0	e.	ped <u>e</u> o livro	*[j]/0
b.	ped <u>e</u> -o	[j]/*0	f.	ped <u>e</u> azeitonas	*[j]/0
c.	pede-t <u>e</u> azeitonas	*[j]/0	g.	ped <u>e</u>	*[j]/0
d.	sempr <u>e</u> o disse	*[j]/0	h.	nã <u>o</u> s <u>e</u> acha	[j]/0

Finalmente, outro fenómeno que refere o domínio da palavra prosódica é o processo opcional de elisão de vogal [+rec]<sup>8</sup>. Com efeito, e como ilustrado em (7), o processo opera no limite direito de PW (cf. Frota 1997 e Vigário 1999a).

(7) a.	cont <u>ín</u> ua	*0	d.	o músic <u>o</u> africano	0
b.	deix <u>o</u> -a	*0	e.	deixá-l <u>o</u> aquecer	0
c.	o lápis d <u>o</u> arquivador	*0	f.	lev <u>o</u> a encomenda	0

Cada um dos fenómenos apresentados pode, portanto, constituir um teste diagnóstico para a palavra prosódica no PE. Eles serão utilizados em seguida, sempre que os dados o permitam, como evidência da prosodização das unidades morfossintáticas que envolvem mais de um constituinte acentuado, isto é, mais de uma PW.

## 2. Evidências para composição fonológica

### 2.1. Compostos morfossintáticos

Começaremos por considerar os casos de composição morfossintática. Em particular, começaremos pelos casos de composição envolvendo radicais, para em seguida nos concentrarmos nos casos de composição envolvendo palavras.

### 2.1.1. Compostos formados pela concatenação de radicais

As unidades formadas por composição morfológica, através da concatenação de radicais (cf. Villalva 1994), apresentam dois comportamentos fonológicos distintos: (i) por um lado, podem não se distinguir fonologicamente de palavras simples (como exemplificado em 8a); (ii) por outro lado, podem apresentar propriedades fonológicas indiciadoras de que cada unidade contendo um radical corresponde a uma palavra prosódica (como exemplificado em 8b).<sup>9</sup>

- (8) a. fotografia; automóvel; biólogo; telégrafo  
 b. foto-montagem; auto-estima; bio-ritmo; tele-chamada; infor-jovem

Do ponto de vista fonológico, as formas em (8a) comportam-se como uma única PW: apenas existe um acento de palavra, sendo mesmo acentuável a vogal final do primeiro radical; a vogal que corresponderia à vogal acentuada do primeiro radical sofre as regras do vocalismo átono, não sendo, portanto acentuada; e a vogal de ligação, se átona, também reduz.

O comportamento fonológico das formas em (8b), pelo contrário, revela que cada radical é incluído em PWs distintas: a cada uma é atribuído um acento de palavra, o que tem como consequência a ausência de aplicação das regras do vocalismo átono sobre a vogal acentuada, a vogal de ligação também não reduz, e a vogal átona final do primeiro radical não reduz em sílabas fechadas por [r].

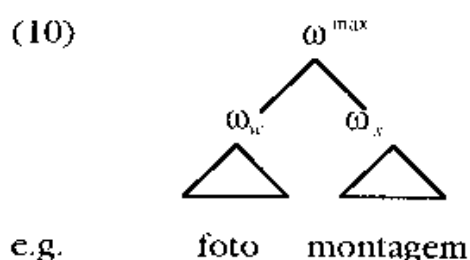
Os exemplos em (8) mostram, portanto, que formas morfológicamente compostas podem apresentar prosodizações diversas. Tal pode correlacionar-se com um maior ou menor grau de lexicalização das unidades em causa. Contudo, um outro factor que pode explicar a diferente prosodização das formas em (8) é elas possuírem uma diferente estrutura morfológica. Com efeito, para outras línguas tem sido proposta a distinção entre composição envolvendo a concatenação de radicais e palavras morfológicas e composição envolvendo a concatenação de radicais (cf. Nespor e Ralli 1996, Peperkamp 1997), de cada uma resultando diferentes prosodizações. Embora o mesmo tipo de distinção pareça adequar-se ao Português de acordo com os dados fonológicos, Villalva (1994) defende, com base em argumentos de natureza morfológica, que nesta língua a composição morfológica envolve sempre a concatenação de radicais. Segundo a última visão, este será um primeiro caso em que a estrutura prosódica e a estrutura morfológica nem sempre coincidem, ou seja, constituirá uma instância de ausência de isomorfismo entre a fonologia e a morfologia.

Tendo concluído que formas como (8b) são constituídas por mais de uma palavra prosódica, importa-nos agora saber se essas palavras são prosodizadas como qualquer outra sequência de PWs, isto é, se são imediatamente dominadas pelo constituinte prosódico sintagma fonológico ( $\phi$ ), ou se, pelo contrário, se agrupam num mesmo constituinte, dominado por  $\phi$ .

Segundo cremos, apenas é possível associar a marcação de foco fonológico ao último elemento do composto, como mostrado em (9), onde a sílaba sobre a qual incide o acento de foco aparece em maiúsculas e a negrito.<sup>10</sup>

- (9) Disseste-me que o João é o responsável pela publicidade desta página?  
 Não. O João é o responsável pela foto-mon**T**agem desta página.  
 \*FOto-montagem

A associação do foco fonológico indicia, assim, que a palavra prosódica mais à direita é o elemento proeminente da unidade em causa. Uma vez que nada obriga a que o foco se associe ao elemento final de  $\phi$  no PE, como mostrado em Frota (1998), estes dados podem ser explicados se se considerar que este tipo de composto é prosodizado como uma palavra prosódica composta ( $PW^{max}$ ), numa estrutura recursiva como (10): o elemento proeminente de  $PW^{max}$  corresponderá à PW mais à direita, e será à cabeça deste domínio que se associa o acento de foco, nos compostos fonológicos.<sup>11</sup>



### 2.1.2. Compostos formados pela concatenação de palavras

Observemos agora formas compostas envolvendo palavras, começando pelo caso particular das siglas.

#### 2.1.2.1. As siglas

O caso das siglas é especialmente interessante do ponto de vista da composição fonológica, por duas ordens de razões: (i) por um lado, são formadas pela concatenação de palavras (no sentido morfológico e fonológico) - as designações das letras que compõem as siglas -, sem que apresentem qualquer estruturação sintáctica interna; (ii) por outro lado, apresentam um comportamento regular no que respeita aos processos de elisão de vogal [-rec] e de vogal [+rec].

A presença de acento de palavra nos elementos que constituem as siglas, e a conseqüente ausência sistemática de redução das vogais acentuadas, mostra que as palavras que formam as siglas são PWs independentes.

No entanto, o processo de elisão de vogal não-recuada, que caracterizámos como aplicando-se em posição final de PW, é impossível nos exemplos considerados em (12).

- |      |     |                        |        |     |                       |        |
|------|-----|------------------------|--------|-----|-----------------------|--------|
| (12) | RN  | (er <u>r</u> e ene)    | [j]/*0 | UMM | (u em <u>e</u> eme)   | [j]/*0 |
|      | PSR | (pê ess <u>e</u> erre) | [j]/*0 | TSF | (tê ess <u>e</u> efe) | [j]/*0 |

Nestes casos, a segunda vogal é sempre acentuada, razão plausível para o processo ser bloqueado.<sup>12</sup> O facto de o bloqueio apenas ser obrigatório quando essa vogal pertence à última PW da sigla, como ilustrado em (13), é indicador de que também as PWs que constituem as siglas se estruturam numa unidade composta.

- (13) Fala-se na criação de uma RFM regional (erre efe eme: 0; [j]/\*0)

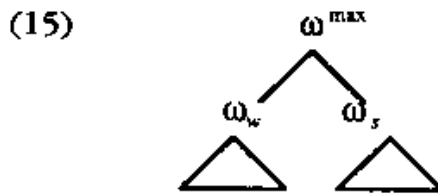
O exemplo (13) é ainda representativo da irrelevância do acento de  $\phi$  para o bloqueio do processo, ao mesmo tempo que mostra que apenas a vogal acentuada da PW mais à direita bloqueia, obrigatoriamente, a elisão da vogal. Assim, o processo de elisão de vogal não-recuada deve ser caracterizado como tendo aplicação obrigatória no limite direito de PW no interior do domínio PW<sup>max</sup>, sendo obrigatoriamente bloqueado se a vogal não-recuada for seguida da vogal portadora do acento de PW<sup>max</sup>.

Que este comportamento decorre da composição fonológica é, ainda, mostrado pela elisão regular da vogal não-recuada quando as designações das letras ocorrem em sequências diferentes de siglas, por exemplo, na listagem do abecedário ('... l, m, n, o...'), caso em que a elisão de vogal é obrigatória.<sup>13</sup>

O processo de elisão de vogal recuada mostra exactamente o mesmo padrão: como exemplificado em (14), o processo é bloqueado se a segunda vogal é acentuada, mas apenas se esse acento corresponde ao acento da PW mais à direita.

- |      |    |    |                    |        |    |     |                        |       |
|------|----|----|--------------------|--------|----|-----|------------------------|-------|
| (14) | a. | JL | (jot <u>a</u> ele) | [e]/*0 | b. | JSD | (jot <u>a</u> esse dê) | [e]/0 |
|      |    | KM | (cap <u>a</u> eme) | [e]/*0 |    | KLM | (cap <u>a</u> ele eme) | [e]/0 |

Em suma, estes dados constituem evidência de que as siglas são compostas por PWs, por um lado, e de que essas PWs se organizam numa unidade maior, que não é  $\phi$ , mas sim PW<sup>max</sup>. A estrutura prosódica que propomos para as siglas é assim a apresentada em (15).



e.g.

R N

### 2.1.2.2. Outros casos de composição de palavras

Outros casos de composição de palavras resultam de composição sintáctica (cf. Villalva 1994).

Não é controversa a concepção de que os membros dos compostos que correspondem a palavras morfológicas, constituem também palavras prosódicas. Entre outras, a presença do acento de palavra nos membros dos compostos e a conseqüente ausência sistemática de redução dessas vogais são evidências de que cada elemento do composto constitui uma PW.

Menos explorada é a natureza do agrupamento fonológico dessas palavras. Se bem que afirmações como as de Gonçalves Viana (1883) de que o acento 'principal' na unidade composta é o da direita possam ser interpretadas como indiciadoras da existência de um composto fonológico, o facto de o acento dos constituintes superiores na hierarquia prosódica, nomeadamente do sintagma fonológico, ser também o mais à direita, torna pouco revelador este tipo de observação.

Vejamus então se temos outros indícios, também aqui, para a análise destas estruturas como compostos fonológicos.

As formas em (16) mostram que a elisão de vogal recuada é bloqueada quando a vogal seguinte é portadora de acento, como em (16a), mas não se a vogal seguinte for átona, como em (16b).<sup>14</sup>

(16)	a.	salto alto	[w]/*0	b.	pequeno - almoço	[w]/0
		porta-óculos	[e]/*0		risco amarelo	[w]/0
		santo homem	[w]/*0		bolso inglês	[w]/0

Tal parece, à primeira vista, o comportamento habitual deste processo de elisão. No entanto, e como ilustrado em (17), fora de um composto a elisão de vogal apenas é obrigatoriamente bloqueada, de acordo com a nossa intuição, se a vogal seguinte recebe o acento de sintagma fonológico, mas não, necessariamente, se essa vogal não for a cabeça de  $\phi$ .<sup>15</sup>

(17)	a.	O mesmo anjo caiu	[w]/*0
	b.	O mesmo anjo negro caiu	([w])/0



Dentro de um composto, pelo contrário, o processo é bloqueado *obrigatoriamente* independentemente da proeminência de  $\phi$ , como mostrado em (18).<sup>16</sup>

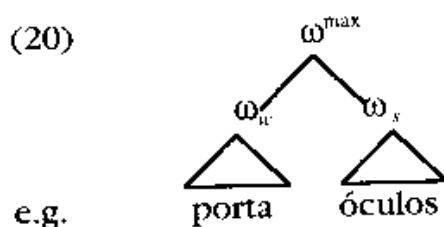
- (18) a. A moça trazia uns sapatos com um salto alto elegante [w]/#0  
 b. O João tem um porta-óculos castanho [w]/\*0

O bloqueio da elisão da vogal [+rec] põe em evidência, portanto, a presença de um nível de acento superior ao de PW, que nós interpretamos como o acento de PW<sup>max</sup>. O processo de elisão de vogal recuada parece, assim, ser bloqueado obrigatoriamente quando a segunda vogal recebe acento de PW<sup>max</sup>, independentemente do acento de  $\phi$ .

Um argumento que favorece a hipótese de que os compostos de palavra são prosodizados como palavras prosódicas compostas é o ponto de associação do foco fonológico. Como (19) documenta, o foco não pode incidir sobre a sílaba proeminente da primeira PW, mas apenas sobre a sílaba proeminente da PW mais à direita.

- (19) A: O João ofereceu um estojo à Maria  
 B: Não senhor. O João ofereceu um porta-Óculos à Maria  
 \*POrta-óculos

Os dados convergem, assim, no sentido de os compostos de palavra serem prosodizados como palavras prosódicas compostas, como representado em (20).



Observemos agora o processo de elisão de vogal não-recuada. As formas apresentadas em (21) mostram que o processo de elisão de vogal não-recuada pode ser bloqueado se a vogal seguinte receber acento de palavra e a elisão é obrigatória se essa vogal não for cabeça de  $\phi$ .

- (21) a. verde-água ([j])/0  
 b. era um mar verde-água translúcido \*[j]/0  
 c. verde-azeitona \*[j]/0

O facto de o bloqueio ser opcional, e depender aparentemente do acento de  $\phi$ , distingue, em relação à aplicação do processo de elisão de vogal não-

recuada, estas formações das siglas, bem como de outros compostos fonológicos (cf. secção 2.2.3). Na realidade, é possível que as formas apresentadas sejam também distintas das anteriormente observadas em termos da estrutura morfossintáctica. Di Sciullo e Williams (1987) consideram que formas paralelas a estas, compostas por N(ome)+N com cabeça à esquerda, no Francês, são constituintes listados ('listed phrases'), e a mesma análise é defendida em Peperkamp (1997) para o Italiano. Estes não são, portanto, considerados verdadeiros casos de composição envolvendo palavras. Por seu turno, em Villalva (1994) construções compostas por N+N com o núcleo à esquerda são os únicos casos de *composição sintáctica por adjunção de X<sup>o</sup> a X<sup>o</sup>*, distinguindo-se, portanto, de outros tipos de compostos, como os considerados acima. Assim, não é de excluir a hipótese de a fonologia distinguir entre diferentes tipos de *compostos de palavras*, numa acepção lata, assunto que merece aprofundamento em ocasião futura.

O único composto adicional que encontrámos envolvendo a vogal não-recuada e uma vogal acentuada, a forma *grande-área*, corrobora estas observações. Na verdade, aqui a glide é obrigatória e esta forma distingue-se morfológicamente das referidas no parágrafo anterior, dado que é composta por um adjectivo e um nome.

## 2.2. Outros compostos fonológicos

Até aqui vimos que compostos morfológicos e sintácticos podem ser prosodizados como compostos fonológicos. Neste ponto apresentamos um conjunto de construções que não são estritamente caracterizáveis como compostos morfológicos ou sintácticos. Elas mostram que a noção de composto fonológico ultrapassa as noções morfossintácticas de composição.

### 2.2.1. Estruturas com 'prefixos' acentuados

É bem conhecido o comportamento fonológico de certas unidades morfológicas cujo estatuto de prefixos ou radicais é difícil de definir (e.g. Cunha e Cintra 1984: 113-115, Villalva 1994: 350). Como mostrado em (22), onde incluímos casos de *pseudoprefixos* e de prefixos dissilábicos, de acordo com a classificação de Cunha e Cintra (1984), para além do acento e da ausência de redução da vogal acentuada, podemos adicionar como evidência da prosodização destes morfemas como PWs independentes da base a ausência de redução de vogais átonas finais em sílabas fechadas por [r].<sup>17</sup>

(22)	poli-copiado	extra-magro	super-interessante
	multi-racial	ultra-radical	inter-cultural
	mini-aspirador	mega-concerto	hiper-mercado



### 2.2.2. Estruturas com sufixos acentuados

Outra circunstância em que é discutível a existência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra prosódica é a que envolve palavras derivadas com sufixos *z-avaliativos* e com *-mente*.<sup>18</sup>

Do ponto de vista fonológico, as construções envolvendo estes sufixos apresentam algumas semelhanças entre si. Ao contrário das construções com outros sufixos - que são integrados na mesma PW que a base morfológica -, as formas com sufixos *z-avaliativos* e com *-mente* apresentam marcas de que a base morfológica constitui uma PW independente: é-lhe atribuído um acento de palavra, não sofrendo a vogal tónica, sistematicamente, o processo de redução vocálica característico do vocalismo átono. Para além disso, uma vogal átona seguida de /r/ na sílaba final da base morfológica não reduz, como em (27), e a vogal acentuada da base adverbial pode receber acento tonal, como mostrado experimentalmente em Frota (1991) e Vigário (1998), e discutido abaixo.

- |      |             |               |
|------|-------------|---------------|
| (27) | imparmente  | líderzinho    |
|      | disparmente | reporterzinho |

Por outro lado, os sufixos em causa recebem acento de palavra, que é o acento principal desta formação complexa, de acordo, por exemplo, com Gonçalves Viana (1883) e d'Andrade (1992a e b). Com efeito, e como ilustrado em (28), pelo menos para as formas com o sufixo *z-avaliativo* é possível demonstrar a maior proeminência do segundo acento através do teste do foco fonológico, uma vez que o foco apenas se pode associar à segunda posição acentuada.<sup>19</sup>

- (28) A: Acho que o João foi com a Maria ao cinema.  
 B: Não foi não. O João foi soZInho ao cinema  
 \*SOzinho

Em relação às formas com *-mente* não é possível aplicar o teste do foco, dado que, por questões que julgamos independentes da sua prosodização, este tipo de categoria não nos parece susceptível de receber foco. Há no entanto uma fonte adicional de evidência para o tipo de prosodização destas construções: a distribuição dos acentos tonais associados a estas palavras. Com efeito, uma inspecção dos contornos entoacionais apresentados em Vigário (1998a: Anexo II) envolvendo o advérbio *somente* revela que a primeira PW do advérbio pode receber acento tonal (T\*) se o advérbio se encontrar em posição inicial de sintagma entoacional (cf. 29a). Tal é esperado se *so* corresponder a uma PW, dado que, como sugerido em Vigário (1998a), o sintagma entoacional (I) é



- (31) a. A Maria dirá ao João que aqui estamos.  
 Não. Quando muito repeti-lo-A ao João, porque ela já o disse.  
 \*repeTI-lo-á ao João

Também o bloqueio obrigatório do processo de elisão de vogal recuada em contexto de vogal com acento de palavra não coincidente com acento de  $\phi$  mostra que as duas palavras prosódicas se agrupam numa  $PW^{max}$  (cf. 32).

- (32) [di-l $\phi$ -emos todos] $\phi$  [w]/\*0  
 [dar-t $\phi$ -ia já] $\phi$  [ ]/\*0

Finalmente, o bloqueio obrigatório da elisão de vogal não-recuada quando seguida de vogal portadora de acento de  $PW^{max}$  constitui mais uma evidência para a prosodização proposta (cf. 33).

- (33) [ [dir-te] $\phi$  [emos] $\phi$  ] $\phi$  $^{max}$  [j]/\*0  
 [ [dar-t $\phi$ ] $\phi$  [á] $\phi$  ] $\phi$  $^{max}$  [j]/\*0

Note-se que, mesmo que tivesse havido lexicalização da forma destes pronomes, se eles fossem proclíticos, esperar-se-ia que nesse caso a forma lexicalizada fosse a reduzida, tal como pode suceder com as formas compostas envolvendo outros proclíticos, exemplificadas em (34) (ver também nota 18).

- (34) mãe d'água \* [j]/0  
 caixa de óculos \* [j]/0

De igual modo, e como mostrado em Vigário (1999b), não é possível recorrer-se a uma análise em que a prosodização destes elementos ocorre no léxico, e, portanto, não é possível explicar a ausência de redução de um modo paralelo ao dos prefixos. A análise proposta sobre a direcção de cliticização dos *mesoclíticos* parece, portanto, adequada, sendo assim válidos os testes propostos acima sobre a prosodização das construções com mesóclise.

A mesóclise constitui, assim, mais um caso de composição fonológica, como representado em (36).

- (36)
- 
- e.g.      dar te      emos

### 3. Conclusão

A aplicação dos critérios de identificação de PW no Português Europeu a formas compostas conduziu-nos à proposta de que são prosodizados como compostos fonológicos (i) compostos morfológicos não-lexicalizados, (ii) siglas, (iii) derivados com prefixos acentuados, (iv) advérbios formados com -mente e (v) construções mesoclíticas.

Quanto aos compostos sintácticos, também parecem susceptíveis de ser prosodizados como compostos fonológicos. No entanto, não é claro se tal é obrigatório para todos os compostos envolvendo palavras. Por determinar ficou ainda a prosodização das estruturas com sufixos *z-avaliativos*.

Para concluir, resta-nos salientar a importância destas observações para uma teoria do mapeamento entre a morfologia e a sintaxe e a fonologia. Embora as implicações destes dados para uma tal teoria não tenham aqui sido exploradas, contamos integrá-las em trabalho futuro, juntamente com uma comparação mais sistemática com dados de outras línguas.

### Notas

\* Gostaríamos de agradecer à audiência do *XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* os comentários e sugestões feitos na sequência da apresentação deste trabalho.

1 Sobre a Fonologia Prosódica, teoria fonológica em que se insereve este trabalho, ver, por exemplo, Nespor e Vogel (1986) e Frota (1998), e referências aí incluídas.

2 Entre os estudos sobre os restantes domínios prosódicos no Português Europeu, ou que a eles se referem de modo sistemático, contam-se Vigário e Falé (1994), d'Andrade e Viana (1994), Mateus (1995), Freitas (1997), Mateus e d'Andrade (1998a), sobre a sílaba ( $\sigma$ ); d'Andrade e Viana (1989), Brandão de Carvalho (1989) e Pereira (1990), sobre o pé ( $\Sigma$ ); Frota (1997) e (1998), sobre o sintagma fonológico ( $\phi$ ); e Frota (1998), Falé (1995) e Vigário (1998a), sobre o sintagma entoacional (D).

3 Os dados apresentados neste artigo dizem respeito à variedade do Português Europeu falada na região de Lisboa por indivíduos com formação universitária e idade inferior a 40 anos.

4 A título de exemplo de línguas em que o acento é utilizado como diagnóstico para PW podemos referir o Grego, o Latim, ou o Turco (Nespor e Vogel 1986). Note-se que numa abordagem em que se adopte o Grupo Clítico como um domínio da hierarquia prosódica, tal como a de Nespor e Vogel, não se pode estabelecer uma relação biunívoca entre PW e um acento principal, uma vez que as palavras clíticas constituem PWs. Assim, apenas se pode afirmar, como estas autoras fazem para o Italiano, que uma PW pode conter no máximo um acento (op.cit.: 130). Sobre a exclusão, aqui assumida, do Grupo Clítico da hierarquia prosódica veja-se, por exemplo, Vigário (1999a: nota 18).

5 Nos exemplos, o sublinhado identifica as sílabas com acento secundário percebido.

6 Note-se que o 'acento enfático' é distinto em distribuição e significado de um acento que pode incidir sobre qualquer outra sílaba em situações específicas como a ilustrada em (i) (ver Vigário 1999a: nota 24). É também distinto em termo de distribuição, significado e de marcação do foco fonológico (cf. Frota 1998, Vigário 1998a: Cap. 6).

(i) Tu disseste preferir ou preferir?

7 As restantes vogais átonas adjacentes são resolvidas, quando a primeira vogal é alta, através do processo de semivocalização que dá origem a ditongos crescentes (cf. Frota 1997). Em relação à distinção entre estes dois processos de semivocalização, note-se o contraste subtil em termos de estrutura silábica ilustrado em (i): no primeiro caso, a semivogal resulta do processo de semivocalização que opera no interior de PW e de que resultam ditongos decrescentes, enquanto no segundo, ela decorre do processo de semivocalização que opera nos restantes contextos e de que resultam ditongos crescentes; em (ib) a glide não se encontra associada à coda da palavra precedente, enquanto em (ia) ela pertence a essa coda.

(i) a. Eu vi-o aqui                    ({i.w})    (=o ri-o acidentado)  
       b. Eu vi-o Aquiles                (i.w)

8 As vogais centrais apresentam um comportamento parcialmente diferente do das vogais posteriores em relação ao processo de elisão (cf. Vigário 1998b). Sempre que tal diferença suja, referi-la-emos.

9 Do ponto de vista ortográfico, nem sempre é claro que formas devem ser grafadas com hífen. Por uma questão de homogeneidade, grafamos com hífen as formas em que há marcas fonológicas de prosodização independente do primeiro radical. Seguimos assim o espírito das regras de utilização do hífen expressas no Prontuário Ortográfico de Bergström e Reis.

10 Note-se que a acentuação inicial enfática, ilustrada em (i), é possível tanto com PWs compostas como com PWs simples, o que é esperado dado que este acento incide sobre a posição inicial de PW.

(i) Tem-se falado muito de **f**oto-montagem, ultimamente  
       Tem-se falado muito de **f**otografia, ultimamente

11 Nas árvores prosódicas utilizamos o símbolo  $\omega$  para representar a palavra prosódica e os símbolos  $s$  e  $w$  para marcar os constituintes como fortes e fracos, respectivamente. Sobre relações de proeminência no interior dos constituintes prosódicos veja-se, por exemplo, Nespor e Vogel (1986), Frota (1998) e Vigário (1998a).



12 Sobre a relevância do (grau de) acento da segunda vogal para o bloqueio de processos de elisão vocálica, veja-se, por exemplo, Frota (1996) e (1998:Cap 2), Ellison e Viana (1996) e Mateus e d'Andrade (2000: Cap. 7).

13 Pelo contrário, as designações de letras que ocorrem nas matrículas portuguesas de automóveis são realizados como quando fazem parte de siglas: e.g. 54.35-LM (el[ɨ] me). De acordo com a nossa análise, estes pares de PWs parecem, pois, formar também palavras prosódicas compostas.

14 A forma *corta-unhas* ([ ]/\*0) não foi incluída na exemplificação porque, de acordo com a nossa intuição, a elisão de vogal central quando a segunda vogal é alta parece-nos marginal também se essa vogal for átona (cf. *extrema unção*; *tenra idade*). Note-se, todavia, que mesmo aqui existe um contraste entre a elisão quando a segunda vogal é acentuada e a elisão quando a segunda vogal é átona.

15 Frota (1998) considera que a elisão de vogal recuada é impossível se a segunda vogal for portadora de acento de palavra, mesmo que a segunda palavra envolvida não seja cabeça de sintagma fonológico. Embora consideremos que nestas circunstâncias o apagamento da vogal é porventura menos provável, de acordo com a nossa intuição ele não é impossível, ao contrário do que sucede quando a segunda palavra é a cabeça de uma palavra prosódica composta.

16 Note-se que se tivéssemos a frase 'O sapato tinha um salto alto demais, a elisão da vogal recuada não seria, naturalmente, bloqueada: neste caso 'demais' modifica 'salto' o que mostra que aqui a sequência 'salto alto' não é um composto. Deste modo, 'alto' não é cabeça de  $\phi$ , nem cabeça de um composto, e por isso a elisão não é bloqueada. Estes contrastes são observados em Ellison e Viana (1996), que não distinguem entre a sequência composta e a sequência não composta. De acordo com os nossos resultados, tal distinção deve ser incluída nas discussões sobre elisão de vogal, uma vez que o comportamento fonológico de duas palavras adjacentes pertencentes ou não a um composto fonológico não é idêntico.

17 Repare-se como estes dados põem em relevo a diferença entre palavra morfológica e palavra prosódica: não ocorrendo redução vocálica em sílabas fechadas por [r] em posição final de PW, o processo é bloqueado também nestes morfemas, que não são caracterizáveis do ponto de vista morfológico como palavras; inversamente, o constituinte relevante para aplicação do processo de centralização de /i/ átono final é a palavra morfológica (com a categoria [+V,-N]), razão por que o processo não opera nestes contextos.

18 A análise destas construções do ponto de vista morfológico é discutida em Villava (1992) e (1994), mas as conclusões a que chega num e noutro trabalho sobre a natureza destes morfemas e sobre a estrutura morfológica associada a estas construções são distintas. Dado que não aprofundaremos neste artigo a relação entre a estrutura morfológica e a estrutura prosódica, este ponto não será também aqui desenvolvido.

19 Andrade (1984:23) mostra que o acento da base nas palavras com sufixos *-z* avaliativos apresenta uma duração significativamente inferior à do acento que incide sobre

o sufixo. No entanto, como a própria autora refere, as unidades observadas encontram-se em posição final de constituinte, o que significa que os resultados podem espelhar simplesmente a presença do acento desse constituinte e não a proeminência relativa dos acentos no interior destas palavras.

20 Entre estes indícios está o facto de as palavras com sufixos z-avaliativos não estarem sujeitas ao processo de apagamento que envolve estruturas coordenadas parcialmente idênticas (como os advérbios em -mente) e o facto de existir um processo idiossincrático que opera entre a base e o sufixo - a elisão obrigatória da fricativa final da base. Estes factos fazem-nos colocar a hipótese de os sufixos z-avaliativos não serem palavras prosódicas independentes da PW da base a que se associam. Este assunto merece, portanto, uma análise mais aprofundada.

21 Defendemos que o pronome é enclítico ao verbo e não proclítico à unidade acentuada seguinte dado que, por um lado, os dados observados nesta subsecção são consistentes com esta análise e, por outro, porque estas formas se distinguem das palavras proclíticas pela impossibilidade de reduzirem (cf. i).

(i)	a. dir-te-á graças	[j]/ <sup>0</sup>	b. não te acho graça	[j]/ <sup>0</sup>
	dar-lhe-emos	[j]/ <sup>0</sup>	filme de época	[j]/ <sup>0</sup>

A mesma solução, embora não empiricamente sustentada, é adoptada em Van der Leeuw (1997).

## Referências

- ANDRADE, A. 1984. Acoustic study of vowel duration in European Portuguese (based on one subject). *Relatórios do Grupo de Fonética e Fonologia* n° 5. Lisboa: INIC.
- BERGSTRÖM, M. e N. Reis. 1987. *Prontuário Ortográfico*. Lisboa: Editorial Notícias. 8ªed.
- BRANDÃO DE CARVALHO, J. 1989. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. In *Linguistics* 27: 405-436.
- CUNHA, C. e L.F.L. Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- d'ANDRADE, E. 1992a. O Acento de Palavra em Português. In *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri, 107-130.
- d'ANDRADE, E. 1992b. Uma Palavra, um Plural. In *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri, 41-46.
- d'ANDRADE, E. and B. Laks. 1992. Na crista da onda: o acento de palavra em português. In *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 15-26.
- d'ANDRADE, E. and M.C. Viana. 1989. Ainda sobre o acento e o ritmo em Português. In *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 3-16.

- d'ANDRADE, E. and M.C. Viana. 1994. Sinérese, diérese e estrutura silábica. In *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 31-42.
- DI SCIULLO, A.-M. e E. Williams. 1987. *On the Definition of Word*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- ELIISON, M. e M.C. Viana. 1996. Antagonismo e elisão das vogais átonas em P.E. In I. Duarte e M. Miguel (eds) *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III. Lisboa: APL/Colibri, 261-282.
- FALÉ, I. 1995. *Fragmento da Prosódia do Português Europeu: as Estruturas Coordenadas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- FREITAS, M.J. 1997. Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- FROTA, S. 1991. *Para a Prosódia da Frase: Quantificador, Advérbio e Marcação Prosódica (somente alguns tópicos em foco)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- FROTA, S. 1996. Prosodic Phrases and European Portuguese: in Search of Evidence. In A. Bisetti et al. (eds), *Proceedings of ConSOLE 3*. Leiden: Sole, 47-69.
- FROTA, S. 1997. On the prosody and intonation of Focus in European Portuguese. In Fernando Martínez-Gil and Alfonso Morales-Front (eds) *Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 359-392.
- FROTA, S. 1998. *Prosody and Focus in European Portuguese*. PhD Dissertation, University of Lisbon. Publicado em 2000 pela Garland Publishing, New York.
- FROTA, S. e M. Vigário. 1999. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. Comunicação apresentada no *XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Faro (Publicado neste volume).
- GONÇALVES VIANA, A.R. 1883. Essais de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialect actuel de Lisbonne. In *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 83-152.
- MATEUS, M.H. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: INIC.
- MATEUS, M.H. 1995. A silabificação de base em Português. In *Actas X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL, 289-300.
- MATEUS, M.H. e E. d'Andrade. 1998a. The syllable structure in European Portuguese. *DELTA* 14(1): 13-32.
- MATEUS, M.H. e E. d'Andrade. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

- MORAIS BARBOSA, J. 1965. *Etudes de phonologie portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- NESPOR, M. and I. Vogel. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- NESPOR, Marina e A. Ralli. 1996. Morphology-phonology interface: Phonological domains in Greek compounds. *The Linguistic Review* 13: 357-382.
- PEPERKAMP, S. 1997. *Prosodic Words*. HIL dissertations 34. The Hague: Holland Academic Graphics.
- PEREIRA, I. 1990. *Da Prosódia: Análise da Evolução do Conceito de Prosódia e das Diferentes Abordagens Linguísticas das Questões Prosódicas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Van der LEEUW, F. (1997). *Clitics. Prosodic Studies*. HIL dissertations 29. The Hague: Holland Academic Graphics.
- VIANA, M.C. 1987. *Para a Síntese da Entoação do Português*. Dissertação em Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, CIIJ/INIC.
- VIGÁRIO, M. 1998a. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho / CEHUM.
- VIGÁRIO, M. 1998b. Elisão de Vogal Não-recuada Final e a Palavra Prosódica no Português Europeu. In *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 359-376.
- VIGÁRIO, M. 1999a. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In T.A. Hall e U. Kleinhenz (eds) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 253-293.
- VIGÁRIO, M. 1999b. Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. Comunicação apresentada no *IX Colloquium on Generative Grammar*, a aparecer nos *Catalan Working Papers in Linguistics*.
- VIGÁRIO, M. e I. FALÉ. 1994. A Síllaba no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 465-477.
- VILLAVA, A. 1992. Portuguese compounds. *Rivista di Linguística* 4(1): 201-219.
- VILLAVA, A. 1994. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.